

OUTRAS PERSPECTIVAS: PERCEPÇÃO AMBIENTAL EM UM CURSO DE EXTENSÃO PARA PROFESSORES

Paula Guimarães¹

Universidade Federal de São Paulo

Everton Viesba-Garcia²

Universidade Federal de São Paulo

Marilena Rosalen³

Universidade Federal de São Paulo

RESUMO

A percepção ambiental é um tema relevante que precisa ser aprofundado, um instrumento para minimizar os problemas socioambientais, essencial para a contemplação dos objetivos da Educação Ambiental (EA), sendo primordial na capacitação de professores para que haja uma mudança de hábitos efetiva. A ação “Outras Perspectivas” desenvolvida dentro de um curso de extensão para professores, objetivou proporcionar um momento para reflexão sobre as problemáticas e potencialidades socioambientais da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP). Após discussões, os cursistas escreveram seus apontamentos em *post’its* e anexaram em painéis e apresentaram para os demais cursistas. Em seguida, os professores promoveram uma discussão sobre os resultados obtidos, e como as problemáticas poderiam ser solucionadas, partindo das potencialidades citadas. A atividade os levou a observar a região em que vivem com outros olhos, como por exemplo, a importância da preservação da Billings e seu entorno.

Palavras-Chave: Percepção Ambiental. Educação Ambiental. Sustentabilidade.

¹ Bacharel em Ciências Ambientais, Instituto de Ciências Ambientais, Químicas e Farmacêuticas, Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP. E-mail: guimaraspaulaps@gmail.com

² Professor. Bacharel em Gestão Ambiental pela Universidade Estácio de Sá. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática do Instituto de Ciências Ambientais, Químicas e Farmacêuticas, UNIFESP. E-mail: evertonviesba@uol.com.br

³ Doutora em Educação. Professora Adjunto da Universidade Federal de São Paulo. E-mail: marilena.rosalen@gmail.com

INTRODUÇÃO

Considerando a sociedade contemporânea submergida em uma crise do capital endêmica e permanente (várias irracionalidades do capitalismo se explicitam em forma de crise e acirram as disputas entre projetos distintos para a sociedade em que vivemos) sendo a questão ambiental materializada por problemas socioambientais decorrentes de múltiplas formas de incorporação da natureza a partir do seu valor econômico, é necessário pensar a prática da EA no contexto escolar na atualidade e a introdução da análise da percepção ambiental, principalmente no processo formativo de professores.

A análise da percepção ambiental proporciona a compreensão da relação ser humano/natureza e subsidia a prosperidade de ações em conservação por meio da EA e de princípios da bioética ambiental. As estratégias de defrontação da problemática ambiental envolvem uma articulação coordenada entre todos os tipos de mediação ambiental direta, incluindo nessa conjuntura as ações em EA, para surtirem o efeito desejável na construção de sociedades sustentáveis. A EA, em uma perspectiva integradora, deve estar presente em todas as disciplinas e modalidades do processo educativo (BRASIL, 1999). Sem impor limites de aprendizagem e transformação para seus estudantes, pois assume para si um caráter de transversalidade, ocupando um não-espço. A EA é um conjunto de processos que permite às pessoas aprenderem como funciona o ambiente, como dependemos dele, como o afetamos e como promovemos a sua sustentabilidade (VIESBA-GARCIA *et al.*, 2016).

Estudos como de Fonseca e Almeida (2016) e Palma (2005) realizados em escolas brasileiras conseguiram avaliar que, de modo geral, os estudantes possuem boa percepção ambiental, além de comprovarem que estudos como esses despertam a sensibilização ambiental dos indivíduos por meio da informação e conhecimento. Para ampliação da EA é necessário capacitar profissionais, para que haja uma mudança efetiva de suas atitudes, garantindo que tais mudanças surtam efeito também em sala de aula, contrapondo a visão antropocêntrica que é normalmente vista nesses espaços e enfatizando as diversas funções e valores do ambiente, além daqueles considerados pela teoria econômica tradicional (BEZERRA, *et al.*, 2008). É necessária uma ação interdisciplinar a ser desenvolvida com os estudantes e professores, a fim de despertar-los para os problemas

socioambientais existentes em seu cotidiano (COSTA E SANTOS, 2015). A grande dificuldade gira em torno do estímulo e da praticidade das questões relativas às problemáticas socioambientais, entende-se que o ser humano compreende a importância da natureza, preservação e conservação da biodiversidade, bens e serviços ambientais, no entanto, essa compreensão é frágil, pois não é acompanhada de um pensamento crítico-reflexivo. Ou seja, é muito comum observar nas escolas que se entende a importância do meio ambiente, mas não se sabe o que fazer para amenizar os problemas, o que nos remete a importância de estudos e práticas no campo da EA estimulando a percepção ambiental de professores e estudantes.

Este trabalho objetiva promover uma discussão a cerca da importância do estudo, análise e promoção de ações em EA que favoreçam a percepção ambiental em escolas e universidades, principalmente em agentes multiplicadores, como os professores.

PERCEPÇÃO AMBIENTAL

O estudo da percepção ambiental é de suma importância para compreender como se dá a preocupação com as questões ambientais e das relações estabelecidas entre a comunidade e o ambiente. A percepção ambiental se inicia em um processo de percepção individual que ocorre por meio dos sentidos associados a atividades cerebrais. As diferentes percepções do mundo, principalmente os aspectos socioambientais, promovem um processo de sensibilização, de conscientização e conhecimento envolvido no processo de percepção ambiental, despertando nos indivíduos uma necessidade de ações positivas para que a sociedade saiba da importância da preservação e conservação do meio ambiente, diminuindo o impacto ambiental e aumentando a qualidade de vida. O ser humano tem uma relação com o meio ambiente que se diferencia de indivíduo para indivíduo, sendo que essa relação é percebida através dos cinco sentidos em um processo associado com mecanismos cognitivos, ou seja, cada indivíduo percebe, reage e responde de maneira diferente às ações do meio (MELAZO, 2009).

Dentro desta proposição de estudo, Fernandes (2004) expõe que o termo Percepção Ambiental está sendo usado no sentido amplo de uma tomada de consciência do ambiente pelo ser humano. Isso ocorre devido à dificuldade para se

proteger os ambientes naturais, tais como não causar poluição, estão nas diferentes percepções dos valores e da importância dos mesmos entre os indivíduos de culturas diferentes ou de grupos socioeconômicos que desempenham funções distintas dentro da sociedade nesses ambientes.

Dentro do contexto do conhecimento da temática ambiental, o estudo de Fernandes (2014) relatou que a população não possui um adequado nível de conhecimento da legislação ambiental básica e poucos percebem que é possível promover mudanças apenas a partir de uma maior conscientização da sociedade, ou seja, do aprimoramento da cidadania ambiental. Um olhar mais profundo na literatura pertinente permite encontrar diversos estudos em outras regiões que corroboram com esta análise, como exemplo, cita-se o estudo de Carvalho e Rodrigues (2015) que corrobora e conclui que a percepção ambiental entre os moradores do entorno do Açude Soledade na Paraíba é muito limitada, confusa, fragmentada, necessitando de grande atenção do poder público para uma melhor gestão ambiental.

Na pesquisa de Ramos (2017), a análise da percepção ambiental foi feita com estudantes do ensino fundamental de uma escola municipal no Amazonas, tendo como objetivo principal orientar e sensibilizar os estudantes para a conservação da fauna silvestre. Concluiu-se que os estudantes mostraram grande preocupação com o meio ambiente, porém ainda não mostraram ter conhecimento claro sobre a fauna silvestre, suas características e importâncias. O estímulo da conscientização ambiental através da educação permite que os cidadãos se tornem mais conscientes de seus atos. Contudo, no estudo de Fonseca e Almeida (2016) sobre a percepção ambiental de estudantes do ensino médio de uma escola estadual no Mato Grosso do Sul, após introdução da fonte de informações sobre as questões ambientais, observou-se o nível de entendimento dos estudantes a respeito do meio ambiente que o cerca. Foi possível concluir que houve aumento da sensibilização ambiental de cada um por meio de informações e conhecimentos, inferindo que a EA aliada à Percepção Ambiental possui resultados excelentes quanto ao processo de ensino e aprendizagem, novos conhecimentos e a compreensão dos problemas socioambientais. Por isso se faz necessário uma relação mais harmônica do ponto de vista de um indivíduo ou de uma coletividade com os elementos exteriores, sejam estes, elementos naturais, necessidades econômicas ou interesses político-sociais.

A percepção e o comprometimento do cidadão em relação à importância dos elementos naturais e aos problemas ambientais locais são um passo importante para contemplar os objetivos da EA. A principal função da EA é a formação de cidadãos conscientes, preparados para a tomada de decisões e atuantes na realidade socioambiental, com um comprometimento com a vida, o bem-estar de cada um e da sociedade, tanto a nível global como local.

A EA NA ESCOLA E NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Para a construção de sociedades sustentáveis é necessário o preparo da sociedade, criando condições para ruptura da cultura política dominante no sistema econômico vigente, estabelecendo uma nova proposta de sociabilidade baseada na educação para a participação cidadã, contendo precondições fundamentais para a transformação e consciência social como a manifestação consistente e sem tutela nos processos decisórios de interesse público (BONFIM *et. al*, 2017).

O processo educativo para transformação é um processo permanente, que envolve não só uma visão ampla de mundo, como também a clareza da finalidade do ato educativo, uma posição política e competência técnica para programar projetos a partir do aporte teórico e formador de profissional competente. Neste processo indivíduos e comunidades tomam consciência das questões relativas ao ambiente e produzem conhecimentos, valores e atitudes que possam torná-los aptos a agir, individual e coletivamente, no sentido de buscar transformar as causas estruturais da crise socioambiental (PINTO E GUIMARÃES, 2017).

No estudo de Bombassaro e Almeida (2016) feito em escolas particulares de ensino fundamental por meio de palestras e atividades educativas com diversos temas abordados como perguntas e respostas e dinâmicas, foi possível concluir que é necessário amadurecimento das escolas no trato da EA. Os coordenadores e alguns professores não enxergam a importância desse processo face à educação para formação de cidadãos responsáveis com o meio ambiente.

Em contraponto, os estudantes envolvidos nas atividades desenvolveram a capacidade de saber, saber fazer e saber ser na realização de uma atividade em que foi proposta e também se pode perceber que os alunos têm grande capacidade de passar adiante o aprendizado, tanto para os pais quanto para amigos e vizinhos ou outros familiares.

Seminário FESPSP 2017 – Incertezas do Trabalho
02 a 05 de outubro de 2017
GT 10 - Meio Ambiente e Sociedade

Em outro estudo, durante a análise das ações em EA na rede estadual de Minas Gerais, estudo de Minéu (2016), concluiu que o Plano Curricular do Ensino Médio de Minas não contempla as linhas de ação e os objetivos definidos no Programa de Educação Ambiental do Estado de Minas Gerais e também não atende ao que preceitua a Política Nacional de EA (PNEA). Diante do exposto, o autor sugere que a secretaria de estado de educação promova, de forma explícita, a incorporação da temática da EA no plano curricular do ensino médio, de modo a contemplar o programa de EA do estado e, por consequência, a PNEA e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

O entendimento de como se formar um educador ambiental crítico é necessário. Em uma realidade de crise socioambiental, que sinaliza para uma crise civilizatória, o contexto de transição paradigmática nos faz buscar construir uma identidade de educador ambiental crítico. O educador tem que conseguir trazer uma discussão que emerge a relação ser humano sociedade e natureza e a degradação das condições de vida, humana e não humana, para contribuir na construção de novas relações socioambientalmente sustentáveis.

A ponte principal é o diálogo, transformando o educador ambiental em ser dialógico, o que implica em incorporar os princípios fundamentais como: a amorosidade, a fé no ser humano, na esperança ontológica que nos faz mais; na humildade, que reconhece o quanto ainda temos que aprender, e na criticidade, que nos leva adiante nesse processo de desvelar o mundo e com isso ser mais (FREIRE, FIGUEIREDO & GUIMARÃES, 2016).

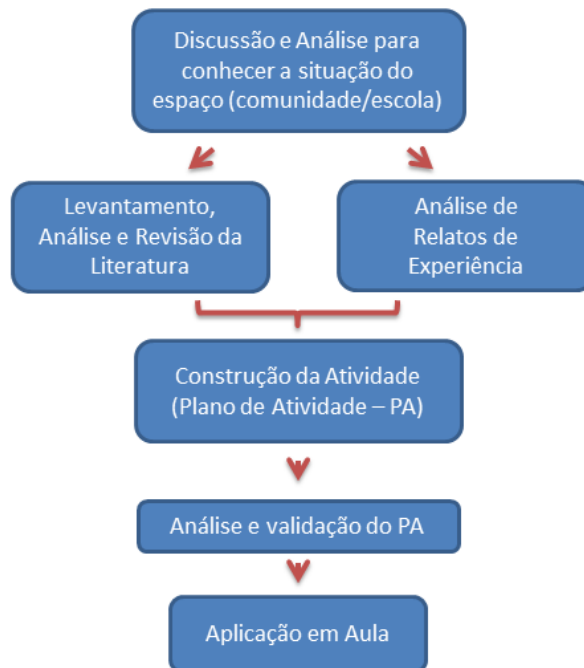
Para ampliação da efetividade da EA é necessário investir fortemente na formação inicial e continuada de professores, uma vez que o professor em formação é um cidadão crítico, que reflete e discute as problemáticas socioambientais e vê em seu papel o caráter transformador da EA, se torna mais fácil e menos árdua a tarefa de levar consigo esses valores para a sala de aula, sensibilizando os seus estudantes de forma semelhante as quais fora sensibilizado, seguindo na linha de Freire sobre a importância da coerência na educação, desta forma, se os professores possuem uma percepção ambiental aguçada suas atitudes e suas práticas pedagógicas afetarão suas aulas, de uma forma positiva e efetiva.

OUTRAS PERSPECTIVAS

A atividade “Outras Perspectivas” foi desenvolvida dentro de um curso de extensão, o curso “Educação Ambiental para a Sustentabilidade”, ao todo participaram da atividade 30 cursistas. A atividade foi desenvolvida por mestrandos e graduandos, e supervisionada por uma professora doutora. De um modo geral, o curso objetivou promover uma reflexão sobre os conceitos que permeiam a EA, bem como a apropriação desses conceitos, experiências e metodologias para que os cursistas possam desenvolver projetos socioambientais voltados à escola, sua comunidade e seu bairro. Quanto à atividade, por sua vez, objetivou possibilitar aos cursistas uma nova forma de enxergar a região em que vivem, compreendendo não apenas os fatores históricos, mas também a evolução dos bairros, o crescimento populacional, a demanda por bens e serviços, a ausência de planejamento, em suma, compreendendo a região como um todo, analisando a fundo as problemáticas e potencialidades socioambientais.

Para um correto desenvolvimento da atividade foi realizado um planejamento e a construção de um Plano de Atividade (PA), o PA por sua vez, é o guia da atividade, garantindo o melhor uso do tempo para a promoção da atividade. A figura 1 nos mostra, em síntese, as etapas de desenvolvimento da atividade.

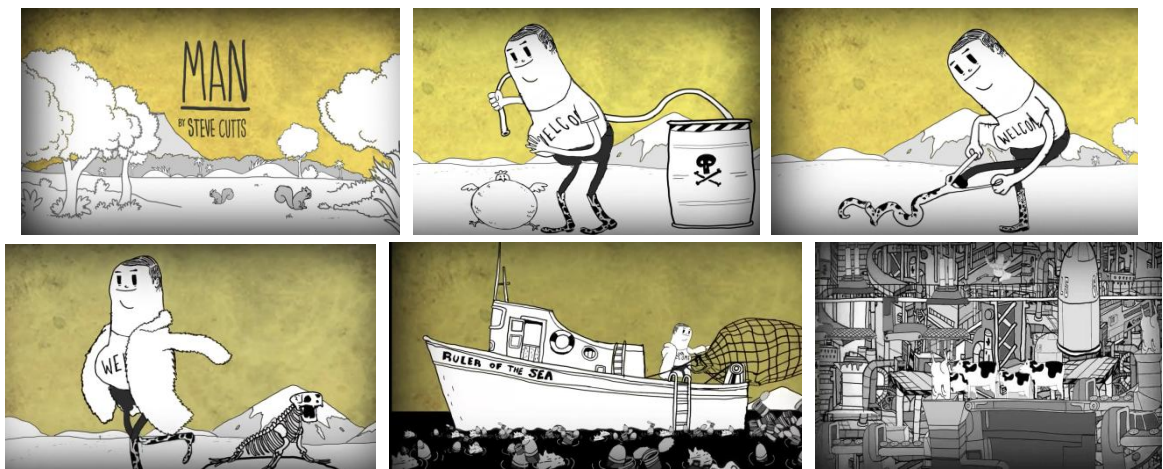
Figura 1. Etapas de desenvolvimento da atividade.



A prática teve início com a exibição do curta-metragem “Man”, de Steve Cutts (2012), o vídeo traz em 3 minutos uma animação que retrata o início do antropocentrismo, quando o ser humano passou a enxergar o meio ambiente enquanto propriedade para uso indiscriminado.

Conforme figura 2, o vídeo retrata, por exemplo, o desrespeito do ser humano para com os demais seres vivos, os reconhecendo apenas como fonte de alimento e produtos, bem como a própria natureza como um campo de bens a serem explorados.

Figura 2. Fotomontagem cenas do curta “Man”.



Fonte: Desenvolvido pelos autores.

O vídeo é considerado de grande impacto para trabalhos em EA, após sua exibição, houve uma breve discussão sobre o distanciamento “Ser humano-Natureza”, em seguida, foi explicada a atividade.

Os participantes foram divididos em 4 grupos, cada grupo ficou responsável por discutir e refletir sobre determinado tópico, conforme tabela 1.

Tabela 1. Temas para Discussão.

Grupos	Discussões a cerca de
G1	Potencialidades sociais
G2	Problemáticas sociais
G3	Potencialidades ambientais
G4	Problemáticas ambientais

Fonte: Desenvolvido pelos autores.

Foi explicado aos participantes que para um bom desenvolvimento da atividade, as “potencialidades” deveriam ser entendidas como características e potenciais da RMS. Quanto a “problemáticas sociais”, deveriam englobar as áreas de saúde, política, economia, educação, cultura, esporte, etc.

Cada grupo ficou acompanhado por um professor palestrante do curso, o professor foi o encarregado de realizar provocações e fomentar discussões sobre o tema correspondente do grupo. Inagaki e Hatano (1983) ressaltam em seu trabalho que as discussões, quando mediadas, favorecem a integração do conhecimento, pois estimulam os participantes a defenderem seus pontos de vista e a formular argumentos na tentativa de convencer seus pares, naturalmente tendem a serem mais críticos e observadores sobre os contra argumentos apresentados, bem como a desenvolver de forma colaborativa respostas e soluções que atendam ao máximo a opinião do grupo.

Durante as discussões os participantes foram estimulados a refletir sobre cada item proposto, tendo como exemplo o tema “problemáticas sociais” citado na tabela 1, o Grupo 2 responsável por esse tema discutiu sobre os problemas existentes na RMSP de cunho social, elencados na tabela 2.

Tabela 2. Problemáticas Sociais.

Problemas mais citados	
Falta de segurança pública eficiente	Impunidade sobre crimes cometidos
Corrupção em instituições públicas	Descarte indevido de lixo
Inflação (elevado custo de vida)	Desigualdade social
Desinteresse da população	Ausência de planejamento urbano
Ausência de projetos locais/regionais	Baixa qualidade de vida
Postura individualista (sociedade no geral)	Baixo envolvimento das comunidades em projetos e processos decisórios.
Elevada vulnerabilidade social	Desrespeito à diversidade

Fonte: Desenvolvido pelos autores.

O Grupo 4, responsável pela discussão a cerca das problemáticas ambientais elencou diversos problemas na RMSP, entre eles os citados na tabela 3.

Tabela 3. Problemáticas Ambientais.

Problemas mais citados	
Ausência de coleta seletiva	Contaminação do solo por metais
Elevada emissão de poluentes	Ausência de saneamento básico
Descarte de produtos químicos em rios	Falta do uso de indicadores ambientais
Desmatamento em área de mata ciliar	Construções irregulares
Descarte irregular de lixo e entulhos	Desrespeito às leis ambientais
Uso indevido de recursos naturais	Ausência de planejamento
Gestão corrupta em órgãos ambientais	População não participativa
Ilhas de calor	Elevada produção de lixo
Poluição de corpos hídricos	Poluição do ar

Fonte: Desenvolvido pelos autores.

O Grupo 3, de acordo com a tabela 4, elencou as principais potencialidades ambientais da RMSP.

Tabela 4. Potencialidades Ambientais.

Potencialidades mais citadas	
Espaços verdes importantes como Fazendinha, Estância, Jardins Botânicos, Parques, Zoológico, Parque Estoril	
Possibilidade de ecoturismo	Borboletários
Elevado número de crianças em idade escolar	Espaços educativos e de fácil acesso, entre eles a UHE Henry Borden.
Importantes mananciais	Represa Billings
Importantes remanescentes de mata atlântica	Importantes instituições de ensino e pesquisa

Fonte: Desenvolvido pelos autores.

Por fim, o Grupo 1 elencou as potencialidades sociais da RMS, conforme mostra a tabela 5.

Tabela 5. Potencialidades Sociais.

Potencialidades mais citadas	
Elevado número de projetos em escolas	Escolas com hortas para consumo da comunidade e instrumento pedagógico
Cidades com hortas comunitárias	Elevado índice de iniciativas locais
Projetos sociais modelos	Polo industrial e geração de emprego

Fonte: Desenvolvido pelos autores.

Após cada grupo elencar as problemáticas e potencialidades correspondentes descreveram seus apontamentos em *post-its* e anexaram em 4 painéis, conforme figura 3.

Figura 3. Painéis montados pelos participantes.



Fonte: Arquivo do Programa Escolas Sustentáveis

Uma vez montados os painéis, os grupos circularam entre eles e, em seguida, expuseram suas considerações (figura 4), nesse momento pode-se observar que muitos dos participantes não conheciam diversos espaços apontados no painel potencialidades ambientais, já sobre as potencialidades sociais fora observado que o grande destaque enquanto potencial se dá à população, as ações individuais e coletivas.

Seminário FESPSP 2017 – Incertezas do Trabalho
02 a 05 de outubro de 2017
GT 10 - Meio Ambiente e Sociedade

Figura 4. Discussões sobre as potencialidades e problemáticas da RMSP.



Fonte: Arquivo do Programa Escolas Sustentáveis

Quanto às problemáticas ambientais, os participantes apontaram os principais problemas, mesmo aqueles de cunho mais técnico, como contaminação de corpos hídricos e emissão de poluentes, isso reafirma o que os autores Fernando (2004), Palma (2005) e Costa; Santos (2015) afirmaram em seus estudos, que as pessoas têm certo conhecimento sobre os problemas ambientais existentes, até mesmo da gravidade desses problemas, o que lhes falta é conscientização, informação e percepção sobre como evitá-los, mitigá-los e mesmo solucioná-los, daí a importância de ações efetivas que contribuam no processo de formação e percepção ambiental (figura 5).

Figura 5. Participantes do curso Educação Ambiental para a Sustentabilidade



Fonte: Arquivo do Programa Escolas Sustentáveis

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação de professores é um conjunto de processos de longa duração, ultrapassando os 2, 3, 4 anos de graduação, o professor necessita estar em formação contínua. Da mesma forma se dá o processo de formação crítica, se faz pertinente à luta diária pela mudança de paradigma, a formação crítica se inicia na percepção ambiental e não implica em críticas vazias, mas na atuação crítica, na ação-reflexão, exigindo uma postura coerente e problematizadora, que o levará a transformação individual e contribuirá na transformação coletiva, tal como afirmam Rainho e Feital (2002):

Se a escola pretende estar em consonância com as demandas atuais da sociedade, é necessário, segundo os PCN, que trate de questões que interferem na vida diária dos alunos, contribuindo para a formação do cidadão participativo, plenamente reconhecido e consciente de seu papel na sociedade.

Em todo esse processo formativo é notável que as relações sejam essenciais para serem trabalhadas (Universidade-Escola, Professor-Aluno, Professor-Professor, Gestor-Professor, Professor-Pais, etc.), da mesma forma, ao se pensar em paradigma e na atual crise civilizatória que estamos vivendo, pensamos na transformação do mundo, e pensar a transformação do mundo é pensar a transformação das relações no mundo.

Para a equipe do Programa Escolas Sustentáveis desenvolver este curso, foi necessário um amplo levantamento bibliográfico, análise da literatura e encontros de formação e planejamento, foram-se necessários o conhecimento e a análise do arcabouço legal, teórico e prático que envolve a EA com conceitos que permeiam a sustentabilidade, além de discutir sobre os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e os problemas socioambientais e refletir sobre a construção de sociedades e espaços educadores sustentáveis. Voltando a “Outras Perspectivas”, desde o planejamento da atividade já foi possível observar que a percepção ambiental dos professores (mestrandos e graduandos) responsáveis pela atividade estava sendo elevada, embora todos residam em cidades que compõem a RMSP, é consenso que era mais comum notarmos os problemas sociais tão corriqueiros em nosso cotidiano e nos esquecermos dos problemas ambientais, e principalmente das

potencialidades e características dessa região, que são muitas e fundamentais para o Estado de São Paulo.

Faggionato (2003) expressa que a EA “*permite que os indivíduos se engajem no enfrentamento e na resolução das problemáticas ambientais*”. Porém, este processo não ocorre em um curto espaço de tempo, as ações em EA, quer seja na escola, na universidade ou na formação de professores, devem ser contínuas.

Embora durante toda a atividade não tenha se falado sobre percepção ambiental, a atividade foi construída com esse propósito, e se mostrou efetiva, pois os participantes passaram a observar a região em que vivem, bem como não apenas notar e falar das problemáticas existentes, mas também avaliar e valorizar as potencialidades e participar dos processos que as envolvem. Ao fim da atividade, todos assumiram para si o compromisso de enxergar a RMSP com outros olhos, partindo de “Outras Perspectivas”, sendo mais participativos, mais críticos e atuantes.

AGRADECIMENTOS

À Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de São Paulo.
À Câmara de Extensão e Cultura do Instituto de Ciências Ambientais, Químicas e Farmacêuticas da Unifesp Diadema. Ao Programa Novos Talentos da CAPES. À toda equipe de professores e cursistas que participaram do curso e da atividade aqui relatada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, T. M. O.; FELICIANO, A. L. P.; ALVES, Â. G. C. Percepção ambiental de alunos e professores do entorno da Estação Ecológica de Caetés – Região Metropolitana do Recife-PE. **Biotema**, v. 21, n. 1, p.147-160, 2008. Universidade Federal de Santa Catarina.

BOMBASSARO, M.; ALMEIDA, V. L. L. Educação ambiental na escola particular: percepção ambiental. In: **Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão**, 10, 2016, Dourados. Anais do SEMEX. Dourados: UFGD, 2016.

BONFIM, D. A.; SANTOS, B. S.; MEIRA, J. P. A.; CORREIA, M. S. A educação ambiental como uma ferramenta na construção da cidadania. **Revista Integrart**, v. 1, n. 1, 2017.

BRASIL. Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999. **Dispõe sobre a educação ambiental, institui a política nacional de educação ambiental e dá outras providências.** Brasília, 1999.

CARVALHO, A. P.; RODRIGUES, M. A. N. Percepção ambiental de moradores no entorno do açude Soledade no estado da Paraíba. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, Santa Maria, v. 19, n. 3, p.25-35, 2015.

COSTA, C. C.; SANTOS, M. V. Percepção ambiental de alunos da modalidade de educação de jovens e adultos em assentamento rural. **Revista Monografias Ambientais**, Santa Maria, v. 14, n. 2, p.202-219, 2015.

FAGGIONATO, S. **Percepção Ambiental**. Disponível em: www.educar.sc.usp.br/textos. Acessado em 20/09/2017.

FERNANDES, R. S. *et al.* Uso da percepção ambiental como instrumento de gestão em aplicações ligadas às áreas educacional, social e ambiental. In: **Encontro Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade**, v. 2, p. 1-15, 2004.

FONSECA, G. B.; ALMEIDA, V. L. A Percepção Ambiental de Alunos o Ensino Médio da Escola Estadual Ministro João Paulo dos Reis Veloso, Dourados-MS. In: **Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão**, 10, 2016, Dourados. Anais do SEMEX. Dourados: UFGD, 2016.

FREIRE, L.; FIGUEIREDO, J.; GUIMARÃES, M. O papel dos professores / educadores ambientais e seus espaços de formação. Qual é a educação ambiental que nos emancipa? **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 11, n. 2, p.117-125, 2016. Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista.

INAGAKI, K.; HATANO, G. **Collective Scientific Discovery by Young Children**. The Quarterly Newsletter of the Laboratory of Comparative Human Cognition, January, v. 5, 1983.

MAN. **Direção de Steve Cutts**. Música: In The Hall Of The Mountain King By Edvard Grieg. Londres: Jvmm Corporation, 2012. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RbpL5xGCXx8>. Acesso em: 01 set. 2017.

MELAZO, G. C. Percepção ambiental e educação ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano. **Revista Olhares e Trilhas**, Uberlândia, v. 6, n. 6, p.45-51, 2005.

MINÉU, H. F. S.; TEIXEIRA, R. A.; COLESANTI, M. M. A educação ambiental no currículo escolar do ensino médio da rede estadual de minas gerais. **Ambiente & Educação: Revista de Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 19, n. 2, p.18-32, 2014.

PALMA, I. R. **Análise da percepção ambiental como instrumento ao planejamento da educação ambiental**. 2005. 83 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Engenharia Minas, Metalúrgica e de Materiais,

Seminário FESPSP 2017 – Incertezas do Trabalho
02 a 05 de outubro de 2017
GT 10 - Meio Ambiente e Sociedade

Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

PINTO, V. P. S.; GUIMARÃES, M. A educação ambiental no contexto escolar: temas ambientais locais como temas geradores diante das questões socioambientais controversas. **Revista de Geografia - PPGE**, Juiz de Fora, v. 7, n. 2, p.149-162, 2017.

RAMOS, A. C. A. **Percepção ambiental de estudantes de ensino fundamental em uma escola da zona rural de Tefé (Amazonas)**. 2017. 12 f. TCC (Graduação) - Universidade do Estado do Amazonas, Santa Clara, 2017.

RAINHO, J. M.; FEITAL, R. O meio pela metade. **Revista Educação**, São Paulo, v. 254, 2002.

VIESBA-GARCIA, E.; VIESBA, L. M.; BAMBAN, P.; SOUZA, L. A. ; PETRONI, H.; BAMBAN, N. ; ROSALEN, M. S. Construindo um futuro: uma oficina pedagógica como instrumento para a educação ambiental. **Revista de Ensino de Biologia da Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio)**. v. 09, p. 2931-2942, 2016.